



Elementos da Linguagem Radiofônica do Boletim Comida na Rádio CBN¹

Christina MONTUORI²
Universidade Paulista, São Paulo, SP

RESUMO

Quais elementos constituintes da linguagem radiofônica são capazes de despertar a imaginação dos ouvintes? Apesar do expressivo uso da linguagem verbal-oral, a combinação de outros elementos sonoros, como trilha, ruídos ou efeitos, silêncio e performance da voz, também são componentes identificados numa mensagem radiofônica. Este trabalho analisou um boletim de rádio denominado Comida, que aborda o assunto gastronomia, levado ao ar pela Rádio CBN SP, com a proposta de identificar alguns elementos sonoros, com um tema que pouco utiliza a audição.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem radiofônica, elementos sonoros, gastronomia.

Introdução

Algumas questões pertinentes à radiofonia brasileira surgem para investigar sua linguagem e os elementos que a compõem. O rádio, como meio de comunicação de massa marcante no nosso cotidiano³, utiliza a predominância da linguagem verbal-oral, como principal ferramenta para comunicação como o ouvinte. Este conceito deixa escapar outros elementos sonoros capazes de compor uma obra radiofônica. A autora Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva (1999, p.17) esclarece que a linguagem do rádio não deve ser analisada exclusivamente como verbal-oral, mas o resultado de uma combinação de elementos sonoros (trilha, efeito, ruído e silêncio), que deixam de apresentarem-se como únicos, quando inseridos em um programa de rádio.

Utilizando a audição como única possibilidade de evocação sensorial dos sentidos humanos, o rádio procura construir uma imagem mental no ouvinte. Ortriwano (1985, p.80) refere que: "o rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um 'diálogo mental' com o emissor". Neste ponto, a autora ilustra que a sensorialidade é uma característica intrínseca deste meio de comunicação. Ainda aponta

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Mestranda do Curso de Pós-graduação em Comunicação da UNIP-SP, email: chrismontuori@gmail.com. Orientada por Prof^a Dra Fernanda Mauricio da Silva, professora do Curso de Pós-graduação em Comunicação da UNIP-SP.

³ Segundo dados do IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística), sete em cada dez brasileiros ouvem semanalmente rádio. Em São Paulo, 74% sintonizam seus aparelhos de rádio, todos os dias da semana, sendo 69% em emissoras FM e 10% em emissoras AM. Esta pesquisa teve uma representatividade de 49% da população brasileira entre 12 e 75 anos. Informação disponível em: <<http://www.ibope.com.br>>. Acesso em: 01 mai. de 2013.



a vantagem da linguagem oral radiofônica sobre os veículos impressos, pois "o rádio 'fala' e, para receber a mensagem, é apenas necessário ouvir".

Sabe-se que a gastronomia⁴ utiliza primordialmente os sentidos da visão, da olfação, do tato e da gustação, relegando a último plano o sentido auditivo. Diante dessa breve afirmação, como explicar a permanência dos programas gastronômicos veiculados nas emissoras, diante da ausência do visual, a qual o rádio está sujeito?

A mensagem radiofônica é capaz de despertar a imaginação por meio das palavras e dos recursos de sonoplastia, segundo Ortriwano (1985, p.81) "o rádio realmente usa as 'mil palavras' para criar cada imagem, que vão permitir que se criem muito mais que 'mil imagens mentais'". A autora também completa que palavras, música, efeitos sonoros, etc. são capazes de comunicar ideias, realidades e emoções.

A sonoplastia radiofônica, segundo aponta Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva (1999, p.71) tem a intenção que o imaginário dos ouvintes seja despertado pelas imagens auditivas, onde participam elementos sonoros como silêncio, ruído e trilha sonora, apontando que a linguagem radiofônica não é exclusivamente verbal-oral. Ainda, estes elementos perdem a sua unidade conceitual quando são inseridos em um meio acústico delimitado por um tempo, de forma a comporem um todo.

O silêncio, segundo Silva (1999, p. 72, p. 73) foi afetado significativamente com a Revolução Industrial, que além das implicações políticas e econômicas, trouxe consigo um aumento do ruído e do barulho para a paisagem sonora das cidades, porém, em contrapartida, seu uso quando contextualizado, pode realçar a continuidade sonora, sem se mostrar como uma falha de programação radiofônica ou uma interferência indesejável no canal. Quando incorporado intencionalmente, o silêncio pode atuar como um signo e representar um mistério, uma dúvida, uma morte, uma expectativa, ganhando o status de efeito sonoro.

Já os ruídos (efeitos sonoros) buscam provocar a associação do ouvinte com o componente sonoramente representado, fornecendo pistas, informações para que ele construa uma imagem mental do objeto, do espaço, do tempo e das associações entre eles, conforme relata Silva (1999, p. 76) "ao empregar ruídos que componham o ambiente, a paisagem, o cenário acústico, o produtor tem como meta utilizá-los de tal

⁴ "A origem da palavra gastronomia vem do grego antigo 'gastros', que quer dizer estômago e 'nomia' que quer dizer conhecimento. É uma arte que engloba a culinária, a maneira de preparar os alimentos, as bebidas que combinam com estes alimentos, a matéria-prima que os profissionais usam para a elaboração dos pratos, os materiais necessários e, também, todos os conhecimentos culturais ligados a esta criação" (Viviane Bigio). Informação disponível em: <http://www.pucsp.br/maturidades/sabor_saber/gastronomia_44.html>. Acesso em: 29 mar. de 2013.



forma que possibilitem ao ouvinte identificar objetos e imaginá-los associados", reforçando a tentativa da aproximação com a realidade.

Além disso, os ruídos podem ser explorados dentro da estrutura narrativa dos programas de rádio, com sons não considerados musicais e menos ainda convencionais aos domínios da arte da linguagem, como os gritos, bocejos, tosses, entre outros, contribuindo para a relação criativa e próxima entre locutor e ouvinte, segundo Silva (1999, p.77).

A trilha sonora, marcada por Silva (1999, p.79) assume diferentes funções e objetivos, de acordo com o tipo de programa na qual é empregada. No radiojornalismo, a presença da música destaca-se em pelo menos dois momentos, a saber: na concepção estética sonora da emissora, ou seja, nas vinhetas, aberturas e encerramentos de diferentes programas ou nas entrevistas ao vivo; em um segundo momento, em função do formato do programa (entrevistas, reportagens, documentários, etc.) a música reforça o fato ou o tema da questão.

Todavia, segundo Balsebre (2005, p.330) as palavras nas mensagens radiofônicas são fundamentais, pois a familiaridade do ouvinte com a locução dar-se-á por meio delas. A espontaneidade própria deste veículo de comunicação advém do modo como as palavras são proferidas. Existe uma constante busca na relação empática entre locutor e ouvinte, onde o autor declara:

"O texto escrito é um texto sonoro, por isso é necessário integrar na redação todos os recursos expressivos que conotam a referida impressão de uma realidade acústica, dando a mesma sensação de naturalidade e espontaneidade do discurso improvisado" (BALSEBRE, 2005, p.330).

Com relação à performance da voz, Balsebre (2005, p.331) cita que as vogais na construção das palavras, referenciam certa musicalidade, já as consoantes trazem significado aos termos. Nesta combinação, entre musicalidade, significado e som da palavra, que se define pelo timbre, tom e intensidade, pode-se falar sobre cor da palavra, que segundo o autor se explica pela "dimensão resultante da inter-relação destes três elementos no âmbito perceptível". Neste sentido, a voz aguda do locutor estará associada com uma imagem clara e luminosa, ao passo, que aquela considerada grave, mais escura. Desta forma, as vozes mais agudas se destinam aos programas diurnos, no momento que a audiência está mais atenta e em movimento, enquanto, por oposição,



aquelas mais graves, destinam-se ao público noturno, onde o ouvinte supostamente apresenta-se mais tranquilo.

Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva (1999, p.23) também concorda que a performance da voz confere vida ao texto - a entonação, o ritmo e a vocalização aproximam o ouvinte ao que está sendo transmitido.

Assim, o que apontar como recurso sonoro, associado à linguagem verbal-oral, inserido em um programa de rádio, com o tema gastronomia, para possibilitar ao ouvinte uma construção mental capaz de fazê-lo entender este tipo de mensagem?

Atualmente, a prática gastronômica é explorada pelos veículos de comunicação de maneira intensa, que extrapola a apresentação de receitas e seu modo de execução e abrangem outras temáticas, como viajar pelo mundo e descobrir novas culturas pela culinária.

Com a intenção analítica para a questão da ausência visual dos programas gastronômicos apresentados no rádio, escolheu-se o boletim *Comida*, exibido no CBN São Paulo⁵ como proposta para esta concisa análise. Antes, porém, vale tratar brevemente o tema gastronomia.

Alimentação e seu lugar na História

O conceito de gastronomia revela-se como um conjunto de técnicas para preparar alimentos, com o objetivo de enaltecer o sabor, a cor, a boa apresentação do prato, que será saboreado e servido em torno da mesa.

Não há uma definição científica para a arte de comer bem. Receitas culinárias ganham dimensões históricas, quando analisadas sob a luz da História da Alimentação, que pode estabelecer um diálogo interdisciplinar com aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais, tecnológicos, nutricionais e antropológicos. Esta ideia discutida por Carlos Roberto Antunes dos Santos (2005, p.11) expõe, ainda, que "os sucessos editoriais nos domínios da História da Alimentação revelam duas grandes paixões do público consumidor: o gosto pela História e pela gastronomia".

Jean-Louis Flandrin (1998, p.548, p.667) relata que a França e depois a maioria dos outros países da Europa, em especial a Itália, foi o primeiro país a afrouxar as relações entre comida e dietética. A dietética aproximava as prescrições médicas às preparações

⁵ Programa da radio CBN FM 90.5 (São Paulo) que aborda notícias, entrevistas, comentários, dicas culturais, etc. da cidade de São Paulo, de segunda à sexta, das 9h30 às 12h e aos sábados, das 10h às 12h.



dos alimentos, revelados por escritos classificados como tratados médicos, na primeira metade do século XVII.

Na França as mudanças nas preferências alimentares acompanharam as aspirações literárias e artísticas. O surgimento do gosto, no sentido do "bom gosto", desenvolveu-se entre os séculos XVII e XVIII, para distinguir o belo do feio nas obras de arte, sendo este termo utilizado como metáfora do gosto alimentar. Segundo Jean-Louis Flandrin (1998, p.549):

"O gosto, esse sentido de que a natureza dotou o homem e os animais para discernirem o comestível do não-comestível, sofreu, aliás, em meados do século XVII, uma estranha valorização: fala-se dele a partir daí em sentido figurado a propósito de literatura, escultura, pintura, música, mobiliário, vestuário, etc. Em todos esses domínios, é ele que permite distinguir o bom do ruim, o belo do feio; é o órgão característico do "homem de gosto", um dos avatares do homem perfeito" (FLANDRIN, 1998, p. 549).

Para Carlos Roberto Antunes dos Santos (2005, p.16), além do conceito do bom gosto, na França, marcos importantes também contribuíram para a diferenciada forma de tratamento das preparações culinárias: a individualização da comida, isto é, um prato e seus talheres para cada pessoa e o surgimento dos restaurantes, que segundo Flandrin (1998, p.755) foram inicialmente pequenos lugares nos bairros de Paris, que ofereciam "caldos restauradores"⁶.

Cristiana Loureiro de Mendonça Couto (2012) relata que o *Cozinheiro Imperial*, publicado pela primeira vez em 1840, é o primeiro livro de cozinha brasileira de que se tem notícia. Com várias edições ao longo do século XIX, seus textos culinários apresentam tanto receitas portuguesas quanto francesas. A autora expõe, ainda, que a segunda fonte de receitas o livro *Doceiro Nacional* datado de 1895 (4ª edição), é um exemplo da especialização dos receituários culinários brasileiros. Este receituário abordava o preparo de geleias, compotas, tortas, biscoitos, licores, xaropes, pudins e sorvetes, sendo o principal ingrediente dessas preparações o açúcar.

Dando um grande salto na História, a gastronomia hoje pode ser considerada como produto de uma miscigenação cultural, possibilitando trocas culturais entre as cozinhas nacionais e as internacionais. Alimentar-se não é apenas um ato nutricional, mas também social, pois constitui atitudes ligadas aos usos, costumes, condutas e situações.

⁶ Eram caldos à base de carne de aves e de boi, diversas raízes, cebolas, ervas, açúcar, pão torrado ou cevada, manteiga, e por vezes, pétalas de rosas secas, passas, âmbar, etc. Estes caldos eram propícios para restaurar as forças debilitadas - "caldos restauradores" ou na língua francesa da época "restaurats" (FLANDRIN, 1998, p.755).



É importante não apenas o que se come, mas também quando se come, onde se come, como se come e com quem se come (SANTOS, 2005).

Este abarcamento cultural da gastronomia utiliza inclusive programas de rádio, que como um dos primeiros meios de comunicação de massa, cumpre o papel de propagação do assunto.

A Peça Radiofônica

Segundo Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva (2005), a obra de um crítico de rádio alemão chamado Werner Klipper⁷ é referência nos estudos das peças radiofônicas, sendo seus elementos básicos constituidores do programa: a voz, o som e o ruído, a palavra e a técnica.

A autora ainda identifica que a peça radiofônica propõe uma relação mais estimulante entre o emissor e o receptor, pois a partir desta linguagem, as emoções e as sensações fazem-se representadas na mente do ouvinte.

No início as peças radiofônicas apoiaram-se na Literatura, no Teatro e no Cinema, porém à medida que a radiofonia ganhou autonomia, esta tática passou a ser considerada restritiva. Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva (2005) sinaliza que "o caminho apontava na direção de uma prática que considerasse o rádio sob a perspectiva das suas potencialidades enquanto meio de comunicação (simultaneidade, versatilidade e audibilidade) e enquanto linguagem". A autonomia da linguagem radiofônica surgia com as infinitas possibilidades de utilização do ruído, da palavra e do silêncio.

Segundo Silva (2005), a capacidade de falar a um só ouvinte, mesmo transmitindo sua mensagem para muitas pessoas simultaneamente, são propriedades fundamentais da peça radiofônica, possibilitando, ainda, que este receptor, por meio da associação imaginativa, adentre no seu próprio campo de vivências. A essência da peça radiofônica permite combinações e jogos entre a palavra, o ruído e a música dentro de um universo essencialmente sonoro. Além disso, o aspecto exclusivamente auditivo apresenta-se como vantagem, pois neste cenário a imaginação do ouvinte tende a ser ampliada.

Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva (2005) discute, ainda, que a peça radiofônica ou a arte acústica procura "incitar o imaginário, as emoções e as sensações individuais do

⁷ Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva (2005) relata que "Werner Klippert nasceu em 1923 em Offenbach, próximo de Frankfurt. Participou da Segunda Guerra Mundial. É professor de ginásio e de Faculdade, membro do P.E.N. e da Federação dos Autores Literários, e, Conselheiro da radiodifusão da emissora 'SR'. Escreveu muitos contos dentre eles "Schlehenschnaps" uma novela criminal publicada na Gollenstein".



ouvinte que é convidado a remontar em seu palco interior as cenas, tornando-se co-autor da obra".

Norval Baitello Junior (1997) amplia esta discussão com um paralelo entre o universo sonoro e o mundo da visualidade contemporânea, questionando a probabilidade de estarmos nos tornando "surdos intencionais", com a ampliação do visual em relação ao auditivo. Sua inquietação prossegue porque ao valorizar o visual, o campo imaginativo da audição, vai ficando para trás. Para ele, tudo que é visível, esquece-se muito rápido, ao passo que o fluxo da voz, fica mais presente, pois o indivíduo lembra mais do que falou e do que experimentou, do que apenas daquilo que viu.

Esta inquietação é pertinente porque frente aos avanços tecnológicos, o rádio além do som, atualmente pode oferecer dados em forma de textos e de imagens, no formato do Rádio Digital e do Rádio Web⁸.

Análise do Boletim Comida

O artigo procurou analisar alguns elementos da linguagem radiofônica, encontrados no boletim⁹ *Comida*, que aborda o tema gastronomia no programa CBN São Paulo¹⁰, sendo ele uma parceria entre o jornal Folha de S. Paulo (FSP) e a rádio CBN, levado ao ar nas manhãs de quartas e de sextas-feiras, às 10h50, com duração aproximada de 08 minutos. A parceria do boletim com o jornal FSP é um item significativo neste contexto, porque há referências às matérias vinculadas no caderno também intitulado *Comida*, que circula com frequência semanal, às quartas-feiras. Fabiola Cidral, âncora do programa CBN São Paulo, frequentemente entrevista no boletim, a repórter Luiza Fecarotta, que é especializada em gastronomia e colunista do jornal.

Aleatoriamente, 04 boletins foram selecionados para este trabalho, a saber: 27/02/2013 boletim "Nova geração dos chefes escandinavos conquista a gastronomia mundial" (8min59seg), 01/03/2013 boletim "Paulistanos não aprovam carne de cavalo"

⁸ Há basicamente três categorias de rádio na Internet. A primeira trata-se de rádio offline – que não transmitem suas programações através da rede; a sua presença na Internet é apenas institucional, com o objetivo de divulgação. Rádio online são aquelas que também disponibilizam via rede as suas transmissões sonoras. E as NetRadio sem correspondente no mundo não virtual, e portanto, só transmitem pela Internet (TRIGO e SOUZA, 2002-2003:94-9 *apud* SILVA, 2005).

⁹ Os boletins são curtos programas, com duração de poucos minutos. Este formato de programação procura evitar que o ouvinte não troque de estação de rádio, caso não esteja interessado no assunto anunciado. Os boletins também são chamados de programetes ou "pílulas" (dropes) (PRADO, 2006, p. 9).

¹⁰ Programa da rádio CBN FM 90.5 (São Paulo) que aborda notícias, entrevistas, comentários, dicas culturais, etc. da cidade de São Paulo, de segunda à sexta, das 9h30 às 12h e aos sábados, das 10h às 12h.



(7min23seg), 06/03/2013 boletim "Frutas anônimas no Brasil" (7min12seg) e finalmente, 08/03/2013 boletim "Tempero familiar no Bom Retiro" (6min37seg).

Os elementos da sonoplastia utilizados para a análise da linguagem radiofônica nos boletins basearam-se em alguns itens propostos por Silva (1999) em uma peça radiofônica, capazes de despertar a criatividade e a imaginação do ouvinte, sendo eles: a trilha sonora - representada tanto nas aberturas e encerramentos dos boletins, quanto no reforço do tema exposto; os ruídos ou efeitos sonoros - com elementos que remetiam à construção da imagem mental do objeto e suas possíveis relações com o assunto apresentado; o desempenho da voz dos apresentadores dos boletins gastronômicos, conferindo vivacidade ao texto, além da linguagem verbal-oral empregada por eles. Optou-se por não utilizar o silêncio, frente ao fato dos boletins não possuírem este elemento de contraste como sugestão para o ouvinte, por tratar-se de um programa que estabelece um diálogo constante entre um apresentador e um entrevistado.

Em 27/02/2013, foi possível identificar o elemento classificado como trilha sonora, para remeter o ouvinte ao tema que seria abordado naquele dia. Uma música de abertura em alto volume, permanecendo como fundo musical (em tom mais baixo) nos primeiros segundos do boletim representava esta região do norte da Europa, que tradicionalmente inclui a Noruega, Dinamarca, Suécia, Finlândia e Islândia, conferindo "colorido/tom à cena", segundo Silva (1999, p. 103). A mesma condição foi observada para os dias 06/03/2013 e 08/03/2013, que abordaram respectivamente, frutas silvestres e restaurantes de descendentes judeus e armênios, com seus pratos típicos, no bairro Bom Retiro, na zona norte da capital paulistana. O boletim de 06/03/2013 iniciava com uma música, citando várias frutas, que permanecia como fundo musical nos primeiros 30 segundos, em volume baixo, retornando para encerrar o tema. O dia 08/03/2013 a mesma estrutura foi verificada, com a abertura e o encerramento do assunto ao som de uma música instrumental árabe. Estas trilhas sonoras legitimaram as marcas de início e encerramento dos boletins, reforçando o tema exposto e conferindo intenção de aproximar e promover uma identificação por parte do ouvinte.

Os ruídos que procuram corroborar com a formação da imagem mental construída pelo ouvinte, referenciando o objeto verbalmente apresentado, não foram encontrados nos dias analisados.

Porém, a forte presença da linguagem verbal-oral foi naturalmente identificada, talvez pela proximidade com as matérias vinculadas pelo jornal FSP, no caderno *Comida*. Palavras que remetiam à sensorialidade gustativa estavam presentes em todos os



programas, exemplificadas pelas expressões "que delícia", "hum", "que gostoso", "água na boca". As comparações entre cores, paladar e textura entre alimentos foram incorporadas, conforme exemplo apresentado em um dos dias analisados (01/03/2013): "carne mais avermelhada se comparada com a bovina, e tem o sabor mais adocicado.... e tem o dobro de ferro que a carne bovina...carne agradável, carne mais leve".

Importante destacar que além dos elementos supracitados, estes boletins ofereceram dicas de restaurantes, de serviços, de combinações adequadas com bebidas, os segredos e diferenciais entre os chefs de cozinha, enfim, uma combinação que ultrapassa as delimitações gastronômicas.

O desempenho das vozes, tanto da entrevistadora quanto da entrevistada, foi marcante no sentido de tentar estabelecer uma identificação com o ouvinte, pois segundo Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva (1999, p.41) a oralidade no rádio recorre ao poder de sugestão, com o intuito de potencializar o estado de escuta do ouvinte, a fim de fazê-lo adentrar em um universo sonoro. Ainda, a autora expõe que "tem-se a performance da voz quando cada palavra do texto verbal se conforma à plasticidade da voz, suas qualidades, seu ritmo, sua melodia, sua entonações" (SILVA, 1999, p.97).

Convém assinalar que uma "vivacidade" característica às peças radiofônicas, pode ser considerada como resultado da oralidade do locutor, que segundo Silva (1999, p. 54) "a intervenção da voz significa conferir-lhe existência, realidade sônica", ou ainda:

"a voz faz presente o cenário, os personagens e suas intenções; a voz torna sensível o sentido da palavra, que é personalizada pela cor, ritmo, fraseado, emoção, atmosferas e gesto vocal" (SILVA, 1999, p.54).

Nos boletins analisados a âncora do programa CBN SP, Fabiola Cidral e a entrevistada Luiza Fecarotta, estabeleceram um ritmo claro, objetivo, animado nas suas falas. As entrevistas demonstravam um caráter amistoso entre elas e muita familiaridade com os assuntos. Fabiola Cidral entrecortava Luiza Fecarotta com perguntas direcionadas para que o público-alvo permanecesse ouvindo, procurando sempre despertar a vontade na experimentação da preparação culinária discutida ou na visita ao lugar pesquisado, segundo observado pelas sentenças: "e o que tem nesta comida de tão especial?", ou ainda, "eu tenho vontade de ir lá, só pra comer", "dão água na boca... eu recomendo". Estas situações também são demonstradas nas transcrições de algumas falas dos programas, conforme trecho do boletim de 27/02/2013: (Luiza Fecarotta) "é um restaurante que tem bem a sua cara", (Fabiola Cidral) "não começa Luiza", (Luiza Fecarotta) "porque trabalha com ingredientes orgânicos", (Fabiola Cidral) "mais



natureba, mais levinho". Ou ainda, no boletim de 01/03/2013: (Luiza Fecarotta) "você já ouviu falar, por exemplo, numa frutinha chamada grumixama?", (Fabiola Cidral) "eu já... eu já ouvi... essa eu já comi... foi a única que eu comi", (Luiza Fecarotta) "grumixama... ela tem sabor adocicado... um ácido acentuado", (Fabiola Cidral) "eu não sei aonde eu experimentei o sorvete de grumixama... os *chefs* estão utilizando estas frutas, justamente para sorvetes. É uma maneira de você conseguir apreciar".

A atenção para a intimidade entre a repórter e a entrevistada também está presente na finalização dos boletins, onde Fabiola Cidral agradece a participação de Luiza Fecarotta, que por sua vez, declara: "um beijo Fabiola".

Ambas buscavam, ainda, nas suas falas e interjeições, uma grande proximidade entre o emissor e o ouvinte, ao mencionarem tópicos do cotidiano, com frases curtas, repetições originando redundâncias, muitas interjeições orais, descrevendo, inclusive, a aparência de alguns pratos, que segundo Silva (1999, p. 87) apresentam-se como textos verbais-orais característicos dos programas de rádio, em razão dos elementos que compõem a linguagem radiofônica.

Reforça-se desta forma, o incentivo para experimentar as sugestões oferecidas pelo boletim *Comida*, por conter uma credibilidade e vivacidade de uma repórter entrevistada com competência técnica do assunto, veemência na voz do locutor e alguns elementos constituintes da linguagem radiofônica.

Ana Rosa Gomes Cabello (1999, p.16) ressalta que a construção do texto radiofônico deve contar com os sons verbais e não verbais para atingir o ouvinte. Afirma ainda que "a linguagem radiofônica deve provocar no ouvinte a criação de imagens mentais construídas a partir da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio".

Segundo Cabello (1999, p.17) não se deve exigir demais do ouvinte, porque comumente ele é capaz de receber apenas frações de construções linguísticas complexas; as frases complexas, frequentemente esquecidas, são um obstáculo à informação oral. Estas considerações reforçam os conteúdos dos programas analisados, mostrando clareza, tempo adequado da mensagem e frases curtas entre as apresentadoras, como demonstrados por alguns exemplos.

Vale apontar, que o boletim "Tempero familiar no Bom Retiro", faz uma referência ao resgate das receitas tradicionais caseiras, procurando remeter o ouvinte aos sabores de culturas diferentes, como a armênia, quando apresentou um prato típico familiar do



proprietário de um dos restaurantes indicados, conforme demonstrado pela fala da repórter entrevistada, Magê Flores¹¹, especialista em gastronomia da FSP:

"o Carlinhos é um armênio que abriu em 1970 um restaurante, no Pari, que faz comida árabe, mas também algumas coisas diferentes... a mais famosa delas e deliciosa é o arais... o arais do Carlinhos... O arais por ser uma coisa tradicional e uma especialidade, uma receita de família... uma invenção do Carlinhos, eu acho que vale bastante a pena experimentar".

Neste mesmo boletim, a entrevistada Magê Flores, descreveu o que seria a preparação culinária chamada *arais*, conforme segue:

"o arais é o seguinte: é um sanduiche com carne de *kafta*, que eles fazem no pão sírio... a *kafta* é grelhada já no pão sírio... então o pão fica bem crocante... e a *kafta* é... eles estavam me explicando... para um quilo de patinho moído, eles colocam 100 gramas de gordura de picanha... então imagina o sabor... bastante salsinha, cebola picadinha".

Considerações Finais

O presente trabalho teve como meta identificar e discutir os elementos da linguagem radiofônica utilizados em um programa de gastronomia no rádio, no formato de boletim, avaliando seus recursos verbais e não verbais, com a intenção de induzir os ouvintes à construção mental das preparações culinárias, às viabilidades de degustação dos pratos sugeridos e à sugestão de conhecer os espaços físicos das sugestões gastronômicas anunciadas, sendo elas pertencentes ou não na cultura brasileira.

Apesar do restrito número dos boletins analisados, a linguagem radiofônica mostrou-se diferenciada com os elementos sonoros introduzidos, como a trilha sonora e a performance da voz. Estes elementos conferiram vivacidade aos assuntos apresentados nos boletins, que procuraram fazer com que os ouvintes adentrassem no universo gastronômico, por meio de um sentido pouco explorado neste contexto: a audição.

Obviamente, este trabalho não tem a pretensão de esgotar o assunto entre gastronomia e linguagem radiofônica, porém intenciona ampliar os horizontes dos estudos e utilizações das técnicas e elementos tão próprios da linguagem radiofônica, como forma de incitar, sugerir e envolver seus ouvintes com o tema.

¹¹ As principais repórteres do boletim *Comida*, nos programas analisados, foram a âncora do programa CBN SP Fabiola Cidral e Luiza Fecarotta, especialista em gastronomia e colunista no Jornal Folha de S. Paulo, porém, em alguns episódios, outros colunistas do jornal, também são entrevistados, como no caso, deste boletim, com Magê Flores.



REFERÊNCIAS

BAITELLO, Norval Jr. **A Cultura do Ouvir**. 1997. Disponível em <<http://www.radioeducativo.org.br/artigos/norval.pdf>>. Acesso em: 29 abr. de 2013.

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005, v. 1, p. 327-336.

CABELLO, Ana Rosa Gomes. A expressão verbal na linguagem radiofônica. In: BIANCO, Nélia R. Del; MOREIRA, Sonia Virgínia. **Radio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 16-17.

COUTO, Cristiana Loureiro de Mendonça. **Alimentação no Brasil independente e suas conexões com as teorias químico-médicas da França e de Portugal**. SBHC - Sociedade Brasileira de História da Ciência. 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. São Paulo, USP. De 03 a 06 de setembro de 2012.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. 904 p.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985. 120 p.

PRADO, Magaly. **Produção de rádio: um manual prático**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. 182 p.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **A Alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa**. História: Questões & Debates. Curitiba: Editora UFPR, n. 42, p. 11-31, 2005.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano. **A Peça Radiofônica e a Contribuição de Werner Klippert**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, UERJ. De 5 a 9 de setembro de 2005.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano. **Radio: oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999. 115 p.